

Os mitos da(s) masculinidade(s) negra(s) em JJ Bola¹

The myths of black masculinity(ies) in JJ Bola

Antoniél dos Santos Gomes Filho¹ 

1. Mestre em Educação (UFC)

Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável (UFCA/PRODER/CNPq)

Professor da Universidade Regional do Cariri (URCA) – Campus Campos Sales

E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

Artigo de Revisão

Resumo: O objetivo do artigo em tela ou em mãos, é apresentar uma reflexão sobre as masculinidades negras a partir da obra: Seja Homem: a masculinidade desmascarada, do escritor, poeta e educador congolês JJ Bola (2020). Para tal, apresentar-se-á ao leitor uma resenha dos capítulos: 1 - Homens de verdade: mitos da masculinidade, e, 2 - Símbolos de grupo e oração: violência masculina, agressão e saúde mental. O estudo qualitativo, pauta-se em uma intercessão metodológica entre a resenha e a pesquisa bibliográfica. Portanto, entende-se que os escritos de JJ Bola (2020), enquanto homem negro e migrante, são fundamentais para compreender a (re)construção da masculinidade nas sociedades ocidentais. Todavia, faz-se necessário seguir as trilhas de pensamento deixadas por ele para então pensar e refletir sobre o contexto brasileiro, que, como visto, apresenta particularidades históricas e sociais, especialmente, os resquícios da colonização e da escravização de povos africanos e seus descendentes na formação do Brasil histórico e contemporâneo.

Palavras-chave: JJ Bola. Masculinidade. Racismo no Brasil.

Abstract: The objective of this article is to present a reflection on black masculinities based on the book: Be a Man: masculinity unmasked, by Congolese writer, poet and educator JJ Bola (2020). To this end, the reader will be presented with a review of the chapters: 1 - Real men: myths of masculinity, and 2 - Group symbols and prayer: male violence, aggression and mental health. The qualitative study is based on a methodological intercession between the review and bibliographical research. It is therefore understood that the writings of JJ Bola (2020), as a black man and migrant, are fundamental to understanding the (re)construction of masculinity in Western societies. However, it is necessary to follow the trails of thought left by him in order to then think and reflect on the Brazilian context, which, as we have seen, has historical and social particularities, especially the remnants of colonization and enslavement of African peoples and their descendants in the formation of historical and contemporary Brazil.

Palavras-chave: JJ Bola. Masculinity. Racism in Brazil.

¹ Ideias iniciais do presente artigo foram apresentadas no IX Seminário Nacional e V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, entre os dias 21 e 24 de maio de 2024, que ocorreu no auditório Glauber Rocha, no campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus Vitória da Conquista – Bahia.

Introdução

O objetivo do artigo em tela ou em mãos, é apresentar uma reflexão sobre as masculinidades negras a partir da obra: *Seja Homem: a masculinidade desmascarada*, do escritor, poeta e educador congolês JJ Bola (2020). Para tal, apresentar-se-á ao leitor uma resenha dos capítulos: 1 - Homens de verdade: mitos da masculinidade, e, 2 - Símbolos de grupo e oração: violência masculina, agressão e saúde mental. Portanto, o estudo qualitativo (Flick, 2009), pauta-se em uma intercessão metodológica entre a resenha (Medeiros, 2000) e a pesquisa bibliográfica (Sousa; Oliveira; Alves, 2021).

A resenha demanda do pesquisador/a nível de especialidade sobre o tema de estudo. Como diz Medeiros (2000), solicita do pesquisador-escritor uma habilidade de relatar um objeto de estudo, exigindo assim um texto de seja atravessado pela descrição, narração e dissertação. Compreendendo que a obra estudada apresenta dados estatísticos sobre a população negra do Reino Unido, com corte de gênero e raça (homens negros), surge a necessidade de realizar uma pesquisa bibliográfica na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil) e Google Acadêmico, sobre artigos científicos que apresentem dados sobre a população negra e homens negros no Brasil.

O artigo está apresentado em dois momentos, o primeiro intitulado: Os mitos da(s) masculinidade(s) negra(s) em JJ Bola, onde apresenta-se a resenha dos capítulos 1 e 2 da obra: *Seja Homem: a masculinidade desmascarada*; em seguida, apresenta-se uma reflexão no âmbito das Considerações Finais sobre a realidade brasileira em torno da temática, sob o subtítulo: *Pensando as Masculinidades negras no Brasil junto com JJ Bola*.

O texto apresentado junta-se ao conjunto de pesquisas no campo social e educacional sobre a população negra e homens negros no Brasil. Como aponta Bento (2022, p. 54), “[...] o sistemático genocídio da população negra vem representando essa política de morte [física e simbólica] que é acima de tudo, um ataque a democracia no Brasil [...]”. Assim, faz-se necessário compreender as novas formas de racismo e discriminação racial na sociedade brasileira, que historicamente é atravessada pelo mito da democracia racial, e estão cotidianamente mais sutis e institucionalizadas.

Os mitos da(s) masculinidade(s) negra(s) em JJ Bola

JJ Bola é um escritor, poeta e educador congolês, que nasceu na cidade de Kinshasa na República Democrática do Congo, e foi criado em Londres. Sua obra atravessa livros de literatura e literatura infantil, e o livro de não ficção: *Mask Off: Masculinity Redefined*, traduzido para o português sob o título: *Seja Homem: a masculinidade desmascarada*. A obra também foi traduzida e publicada em alemão, italiano, espanhol e finlandês. JJ Bola, também é embaixador do Alto Conselho das Nações Unidas para Refugiados. No campo acadêmico JJ Bola possui mestrado em Escrita Criativa pela Birkbeck University, atuando como Assistente Social de Saúde Mental, após finalizar sua formação acelerada Think Ahead (JJ Bola, 2024).

A obra: *Seja Homem: a masculinidade desmascarada*, trabalho de não ficção de JJ Bola (2020), publicado no Brasil pela Editora Dublinense no ano de 2020, apresenta em sua estrutura textual: introdução, um conjunto de 8 capítulos, conclusão, referências e indicações de leitura. A obra no Brasil foi prefaciada pelo rapper brasileiro Emicida, que possui ampla atividade em defesa dos direitos das pessoas e populações negras e periféricas no Brasil.

Como apontado na introdução do estudo, nosso foco recairá sobre os capítulos 1 e 2 da obra estudada. Assim, no capítulo 01, intitulado: Homens de verdade: mitos da masculinidade, JJ Bola (2020), nos lembra que os mitos da masculinidade são passados de geração em geração, assim, as crianças e jovens garotos irão ter contato com esse universo, que não produz obstáculos sociais para aqueles que conseguem seguir a narrativa mitológica, todavia, aqueles que se enquadram nestes estereótipos são afastados do “clã masculino”.

Nos diz JJ Bola (2020, p. 23): “[...] é como se ser um homem fosse uma competição para a qual todos os machos estão tentando se classificar [...]”. Nesse ínterim, entre, entrar para a competição e se classificar para o “clã masculino”, surgem outros fatores para além do fato de ser biologicamente homem, a competição também é dividida e atravessada por questões econômicas, raciais, habitacionais, sexuais, dentre outros marcadores. Como diz JJ Bola (2020) fazendo uma metáfora com um time de futebol. Há jogadores profissionais de um lado, e de outro há jogadores semiprofissionais. Mas, diferente de um jogo de futebol onde as regras são fixas, no jogo da masculinidade as regras não fixas, pois, “[...] mudam o tempo inteiro, a depender do local onde e praticado.” (Bola, 2020, p. 24). Assim, surge uma pluralização da masculinidade, que se transforma em: masculinidades.

Mesmo não sendo a masculinidade um conjunto de regras fixas, JJ Bola, mapeia algumas crenças e/ou regras que se mantem fixas no âmbito social em torno de um ideal de masculinidade que produz um homem. JJ Bola, ciente que poderia listar uma infinidade dessas crenças, apresenta ao leitor/a nove mitos sobre a masculinidade que são mais presentes nas sociedades ocidentais.

Mito 1 – Homem de verdade

JJ Bola (2020, p. 25) é categórico: “Não existe “homem de verdade” [...]”, a produção social desta expressão patriarcal é antes de tudo um lugar de reforço sobre o comportamento dos homens em suas formas de ser e agir. Ao problematizar a frase: “[...] “um homem de verdade toma conta dos seus filhos” [...]”, JJ Bola, mostra como a afirmação não fala sobre a masculinidade, pois o cuidado com as crianças é independente do gênero.

Também, de modo muito assertivo, JJ Bola (2020), mostra como os contextos de materialidade financeira são postulados no jogo de ser “homem de verdade”, pois, no julgo social é dever do homem ser o provedor financeiro do lar e dos filhos. Ou seja, atribui uma pressão ao homem, pois, uma vez que esse homem não possa prover materialmente sua família e filhos, não será um “homem de verdade”, mesmo que apresente características afetivas de amor, carinho, companheirismo, esteja presente nas atividades cotidianas dos filhos, ele não será visto dentro desse quadro de verdade.

Mito 2 – Os homens são puro lixo

“Os homens são puro lixo”; a frase viralizou na internet nos últimos tempos, e conforme JJ Bola (2020), abriu a discussão sobre os privilégios e vantagens sistêmicas de ser homem em uma sociedade ocidental patriarcal. A frase não diz respeito unicamente sobre as questões afetivo sexuais, ela abrange outras esferas da vida cotidiana de homens e mulheres adultos/as (cis e trans).

JJ Bola, aponta que o termo “lixo” contido na expressão constitui-se em uma postura de defesa equivocada ao indivíduo, e não ao processo estrutural de opressão das mulheres. Assim, a expressão “boy lixo” conforme

JJ Bola (2020, p. 26), “diz muito mais sobre questões sociais em torno do gênero do que sobre um homem em particular”, mesmo quando essa expressão é direcionada a um homem em particular.

Mito 3 – O cara legal / o cara bonzinho

Conforme JJ Bola (2020), as expressões parecem ser benignas, atravessadas por um ar de bondade e limpeza, todavia apresenta-se como uma cilada em duas vertentes: primeiro, quando as mulheres que não gostam desses homens que se autointitulam legais e bons, eles se colocam no lugar de vítimas, fazendo com que as mulheres sejam e/ou se sintam culpadas por não gostarem de um “homem tão legal e/ou bom”. E, segundo, quando alguns homens assim, se autointitulam, se inserem num sutil jogo discurso dualista do bem e do mal, ou seja, eu sou o homem bom, os outros são homens maus, disfarçando assim, os privilégios que todos os homens possuem de modo mais sistemático (sem pensar os atravessamentos de gênero, raça e classe).

Mito 4 – Seja Homem

Conforme JJ Bola (2020), a expressão é utilizada como meio de silenciamento emocional, principalmente na infância. Desde muito cedo, os meninos aprendem que expressar emoções e sentimentos é uma fraqueza, e isso não os faz ser homens. Esse processo gera um movimento subjetivo de repressão interna, que vai passando da infância para a adolescência, até a fase adulta deste homem, sendo um processo doloroso e violento.

Mito 5 – Claramente Gay

Essa expressão é utilizada para designar uma deslegitimação de afetos (não sexuais) entre homens. Ou seja, é falada quando um homem demonstra

seus sentimentos e vínculos de amizade que ultrapassam o que seria “normal” dentro de uma amizade entre homens.

JJ Bola (2020), ressalta a questão do contato físico entre homens, devem seguir uma rígida performance, assim, um beijo no rosto, um abraço, pegar na mão de um amigo e andar junto, deve ser censurado. Quando essas trocas de afeto são vistas, são emanados falas do tipo, “é sem viadagem”, “ou sem frescura”. JJ Bola aponta que essas falas são enunciadas para que não ocorra uma percepção de uma atitude gay por parte de outros homens.

É notório observar que essas falas vêm carregadas com um tom jocoso, que esconde uma masculinidade tóxica, que deve reforçar a todo custo a heterossexualidade do indivíduo.

Mito 6 – Homem não chora

JJ Bola (2020), aponta que está é uma extensão do “seja homem”. Apresentando a experiência de ver seu pai chorar, JJ Bola, mostra como se desprende deste raciocínio que aprendeu muito cedo e que esteve em sua experiência de vida até ser um adulto. JJ Bola, aponta que muitos de seus amigos não choram, ou se reservam ao choro em momentos de lamento e tristeza, e o choro nunca é destinado a momentos de alegria e felicidade.

Mito 7 – Os homens são mais fortes que as mulheres

As percepções de força física e emocional são relacionadas ao gênero. As diferenças biológicas existem, todavia, a força é uma característica baseada nas circunstâncias, assim os “[...] homens não são programados pela natureza para serem mais fortes do que as mulheres.” (Bola, 2020, p. 30). JJ Bola, apresenta um questionamento importante sobre a força, sugerindo uma mudança de polo, do físico para o emocional, que promove um processo de resiliência as adversidades da vida. Logo, se a definição

social de força tivesse como base o emocional, os homens não seriam os mais fortes.

Mito 8 – Os homens são lógicos (e as mulheres são emocionais)

Essa ideia de uma suposta lógica masculina que é promulgada na sociedade, é, segundo JJ Bola (2020), um lugar de desejo de remoção e/ou afastamento do lugar de vulnerabilidade via emoção e sentimentos, já que estes são destinados as mulheres, deixando encoberto as emoções de fúria e raiva dos homens.

Mito 9 – Os homens têm mais libido / Os homens pensam mais em sexo

Apresentando a frase: “Tudo no mundo tem a ver com sexo, exceto o sexo, o sexo tem a ver com poder.”, atribuída a Oscar Wilde, JJ Bola (2020), mostra como a psique masculina foi socialmente dividida nas seguintes ideias: primeiro, que as pessoas, especialmente homens, buscam formas de ampliar suas parcerias sexuais; e, segundo, como o sexo torna-se um meio de exercer poder e dominação sobre o outro.

Nesse contexto, homens (heterossexuais e homossexuais) são estimulados a ter o maior número de parceiras/os possíveis, buscar e sempre manter uma atividade sexual constante, mantendo uma posição de dominação. Ao passo que estes comportamentos não são estimulados nas mulheres, e aquelas que socialmente são vistas com esse comportamento, são chamadas de “vadias”, “vagabas”, “vacas”, “putas”, “cadelas”, “promiscuas” e uma infinidade de outros adjetivos. JJ Bola, nos lembra que o comportamento sexual, seja ele com maior ou menor libido, é comum tanto para homens como para mulheres.

É nesse contexto mitológico que homens são subjetivados desde criança, e quando chegam na fase adulta já normalizaram estes padrões de

comportamento. JJ Bola (2020), aponta que, ao passo que meninos, adolescentes e homens adultos seguem e incorporam estes comportamentos é comum escutar ao longo da vida a frase: “meninos são assim mesmo!”, que, em uma instância social retira a responsabilidade das ações e comportamentos dos homens.

Esse conjunto de mitos, somam-se a outros que se constituem como “[...] exemplos de pensamentos pobres e limitados, que, na verdade, são usados para reforçar uma perspectiva estereotípica do que um homem deve e não deve ser.” (Bola, 2020, p. 32). JJ Bola, aponta para as dificuldades de desaprender todos os mitos sobre masculinidade, que subjetivam os homens, e que foram e são transformadas em comportamentos e ações, vivenciadas e experienciadas no cotidiano da vida.

No Capítulo 02, intitulado: Símbolos de grupo e oração: violência masculina, agressão e saúde mental, JJ Bola, apresenta um debate sobre como a violência e a agressividade masculina afetam a vida de homens, homens negros, das pessoas que fazem parte da família e de círculos sociais mais próximos (amigos, colegas de trabalho, de esporte/lazer), e a vida daqueles que estes homens não conhecem.

A violência masculina conforme JJ Bola (2020) se faz onipresente na sociedade, todavia, grande parte desta violência acontece sem ser vista, em elementos que funcionam quase que, como uma armadilha. JJ Bola, nos alerta para o fato que as justificativas sociais da violência masculina possuem uma explicação bioquímica, ou seja, evoca-se uma suposta natureza masculina, cuja testosterona é responsável pelos comportamentos e ações violentas, deixando de lado os processos e as formas de socialização dos homens. Neste movimento de justificativa com base em uma suposta biologia, as formas de socialização são deixadas a margem no processo de

compreensão da violência, surgindo assim problemas como depressão, alienação e suicídio dos homens.

Relatando sua experiência de vida, JJ Bola, aponta como sentia-se sozinho, e como essas emoções e sentimentos o fizeram isolar-se do mundo, acreditando que ele seria capaz de superar tais questões sem a ajuda de outras pessoas. Nas palavras de JJ Bola (2020, p. 48): “[...] e incontável o número de homens e meninos que se sentem assim, que acham que precisam sofrer sozinhos, sem ninguém para conversar, sem válvula de escape, sem saída.”. Este e outros fatores implicam em estatísticas preocupantes no âmbito da saúde mental dos homens.

JJ Bola (2020), mostra como agressividade, violência e saúde mental estão correlacionadas, quando, apresenta dados estatísticos britânicos e estudos sobre Masculinidade e Suicídio. JJ Bola, mostra que homens cometem suicídio o fazem com formas mais violentas e letais, tais como: enforcamento e uso de arma de fogo, o que implica numa menor chance de sobrevivência a tentativa de suicídio.

Junto desta questão individual, há a questão de como a sociedade e o Estado se posiciona sobre a questão da saúde mental dos homens. JJ Bola (2020, p. 54), indica que no caso Britânico houve uma redução dos investimentos em saúde pública no âmbito da saúde mental, assim, “[...] a agressividade, a violência e as questões de saúde mental não são apenas responsabilidade dos indivíduos, mas também cabe a sociedade tentar ajudar a reabilitação das crianças e dos adolescentes.”.

Por fim, JJ Bola (2020), aponta que é necessário reforçar que há uma interligação entre agressividade, violência e saúde mental. JJ Bola, nos lembra que estamos vivendo em uma sociedade patriarcal, mas que devemos estar atentos para a armadilha de que todos os homens são beneficiários deste

modelo de sociedade, pois, como visto os homens também estão sofrendo nesse sistema, como diz o educador: “[...] estamos quase chegando ao ponto de uma epidemia: a masculinidade toxica prospera em um círculo vicioso no qual os homens contribuem para a repressão ao, mesmo tempo em que sofrem com ela.” (Bola, 2020, p. 52). Nesse sentido, é fundamental que estratégias e intervenções em âmbito comunitário e local sejam desenvolvidas para ajudar homens e mulheres a lidarem melhor com sua saúde mental.

Pensando as masculinidades negras no Brasil junto com JJ Bola

O escritor, poeta e educador congolês JJ Bola (2020), nos apresenta um caminho de reflexão para pensar de modo crítico os aspectos da masculinidade nas sociedades ocidentais contemporâneas. Partindo de sua experiência migratória, ainda muito jovem, e de sua trajetória de vida na cidade de Londres, JJ Bola, nos convida a pensar sobre como a sociedade produz e reproduz uma determinada forma de masculinidade, uma masculinidade hegemônica nos termos da cientista social Raewyn Connell, da qual JJ Bola nos indica a leitura, ao final de seu livro.

Assim, considerando a localidade geográfica de produção do pensamento de JJ Bola (2020), seguimos sua trilha de pensamento para refletir sobre o contexto das masculinidades negras no Brasil. Como apontado por JJ Bola, as masculinidades se apresentam de modos diferentes, assim, por mais que haja algumas características que atravessem um mito de masculinidade, há brechas, há formas de resistência e modificação desses estereótipos.

No Brasil, Guerreiro Ramos (1995, p. 215), na sua obra: *Introdução a Crítica Sociológica Brasileira*, cuja primeira edição data o ano de 1954, nos

lembra que “[...] há o tema do negro e há a vida do negro.”. Sob esse segundo conceito, o negro-vida, o autor escreve:

Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. [...] O negro vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (Ramos, 1995, p. 215).

O importante sociólogo negro e brasileiro, Guerreiro Ramos (1995), nos lembra, desde os anos 1950, que as populações e pessoas negras no Brasil, estão cotidianamente inseridas numa sociedade onde os padrões sociais, são e foram formulados por pessoas brancas, que produzem e promovem condições sociais, econômicas, culturais, estéticas e políticas nas quais, pressupõe uma lógica de adequação dos negros, sendo assim, quando não se adequam são considerados por uma parte da população como um problema. Mais contemporaneamente, Cida Bento (2022, p. 120), em sua obra: *O pacto da Branquitude*, reflete sobre como a herança da escravização de povos africanos e seus descendentes gerou no Brasil um sistema social que “[...] perpetua a geração de bônus para uns e ônus para outros.”.

Escreve a autora: “Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas.” (Bento, 2022, p. 23). Assim, os resquícios da escravidão produzem benefícios para as pessoas brancas, mesmo que estas não sejam ou estejam nas camadas das elites no Brasil.

Tais proposições são interessantes para pensar junto com JJ Bola (2022), quando o educador congolês aponta os mitos da masculinidade, e de como essas crenças são negociadas entre homens brancos e homens negros. No caso brasileiro, Bento (2022), vai nos apontar que o discurso de meritocracia atravessa a vida de todos/as, mas, esse é um falso discurso, já que vivemos em uma sociedade capitalista que tem como base do sistema a desigualdade social. Assim, homens negros brasileiros irão de formas diferentes negociar sua(s) masculinidade(s), entre seus pares, e com outros homens não-negros, para entrar no “clã masculino” ou no “time de futebol profissional ou semiprofissional”.

Nesse movimento de negociação existe as formas de representação social do homem e do homem negro na sociedade brasileira. Como aponta, Isildinha Nogueira (2021), as representações sociais que as pessoas cotidianamente fazem uso, geram uma rede de significações que produzem uma consciência individual e coletiva. Historicamente no Brasil “[...] a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da autorrepresentação dos indivíduos” (Nogueira, 2021, p. 57).

Assim, as representações sociais do corpo negro (homem negro) também são atravessadas por uma imagética homogeneizada social e culturalmente. Conforme apontam Ribeiro e Faustino (2017), ao passo que o homem negro aparece de modo parcial, a sociedade compreende-o como parcial, sendo essa parcialidade estendida a sua subjetividade, logo, se o homem negro é visto (quando visto) em posições sociais que são vistas como não demandantes de uma intelectualidade, logo, ocorre um processo de representação social do homem negro que não se utiliza de suas faculdades mentais e cognitivas para solucionar suas questões cotidianas, assim, no

âmbito da consciência coletiva, todos os homens negros são violentos, animais e acognitivos.

O reforço desse pensamento pode ser visto quando na grande mídia homens negros são representados em postos de trabalho onde os aspectos manuais e de força física são solicitados, onde as violências em favelas e periferias são acopladas a homens negros. Isso implica uma demanda de correspondência social. Ou seja, ao passo que homens negros não correspondem a esta representação social, observa-se um processo de discriminação do homem negro, com vistas a enquadrá-lo nessa representação (Ribeiro; Faustino, 2017).

Outro fator a ser pensado é que: homens negros mesmo que possuam elementos materiais de ordem econômica e financeira, que se materializam em objetos de consumo tais como, carros de luxo, relógios e roupas de grife, ainda estarão reduzidos a dimensão ontológica do outro, uma vez que, “[...] o ser moderno se define em oposição ao não ser negro.” (Vargas, 2020, p. 18).

Esses objetos de consumos e o acesso a determinados serviços são meios de negociação da(s) masculinidade(s). O estudo de Santana (1999), com executivos negros de organizações bancárias em Salvador nos mostra que o fator econômico-financeiro não os blindou da discriminação racial como obstáculo para ascensão profissional. Chama atenção o fato de que: “[...] na rota de ascensão social, tais indivíduos eliminaram de suas vidas os valores culturais e evitaram ambientes “negros”, elegendo o que fosse “branco” como referência de identidade e sociabilidade.” (Santana, 1999, p. 196).

Neusa Santos Souza (2021), importante escritora e psicanalista negra brasileira, em seu processo de escuta de história de vida de pessoas negras

observa que um dos temas mais privilegiados de seus entrevistados são as estratégias ascensão social, que envolvem “ser o melhor”, “aceitar a mistificação”. Importante salientar que a mistificação envolver “perder a cor”, “negar as tradições negras”, e, “não falar no assunto” ser negro.

Esse quadro social promove processos de violência individual e social, assim como danos à saúde mental de homens negros, desde muito jovens, como aponta JJ Bola (2020, p. 32), quando discute a expressão “meninos são assim mesmo”, e escreve: “[...] certos comportamentos podem ser aceitáveis desde que sejam um resultado da sua masculinidade, o que é ainda mais evidente quando pensamos que não existe um equivalente do tipo “meninas são assim mesmo”. Cabe, portanto, observar que o processo de sociabilidade e ascensão de pessoas negras, está também correlacionado a uma estrutura de socialização do gênero, onde as violências cometidas por homens negros e brancos são julgadas sob uma lógica do mito da masculinidade, mas, como diz Santos (2021, p. 54), o mito “[...] objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. Portanto, a violência do homem negro no âmbito familiar ou das amizades poderá ser julgada como “é coisa de menino”, mas no âmbito das relações macrossociais, essa justificativa não será plausível para defender o homem negro, pois, como mostrou Ribeiro e Faustino (2017), a representação do homem negro é parcial, atravessada por uma “natureza” animalesca e acognitiva.

Sobre violência contra homens negros no Brasil, Juliana Borges (2021, p. 57) apresenta um estudo importante sobre o encarceramento em massa no Brasil, e mostra que o “[...] Estado brasileiro é que fórmula, corrobora e aplica um discurso e políticas de que negros são indivíduos pelos quais deve se nutrir medo e, portanto, sujeitos a repressão. [...] Esse poder sobre corpos

negros é exercido em diversas esferas.". Esse processo, traduz-se em números:

O Brasil tem uma população prisional que não para de crescer. Atualmente, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), temos a terceira maior população prisional do mundo, ficando atrás de Estados Unidos e China, tendo deixado a Rússia em 4º lugar em junho de 2016. São 726.712 pessoas presas no país. O que significa que cerca de 352,6 presos para cada grupo de 100 mil habitantes. [...] Esse processo se enreda da seguinte maneira: 64% da população prisional é negra, enquanto esse grupo compõe 53% da população brasileira. Em outras palavras, dois em cada três presos no Brasil são negros. (Borges, 2021, p. 19).

Logo, como mencionado, no âmbito das relações macrossociais, as pessoas negras, e os homens negros não são bonificados com os resquícios da escravização, como foi apontado por Bento (2022). Isso implica pensar em como são os processos de sociabilidade de homens negros no que tange sua(s) masculinidade(s), que além dos mitos socialmente compartilhados, descritos por JJ Bola (2020), no caso brasileiro, deve incluir outras estratégias de sobrevivência física e simbólica, compartilhadas dentro de seus grupos microsociais (familiares e amigos/as), e em perspectiva macrossocial para, dentre outras coisas, possibilitar a manutenção de suas vidas físicas, para não morrer e/ou ser preso.

Considerações Finais

Compreende-se que os escritos de JJ Bola (2020), são fundamentais para compreender a (re)construção da masculinidade nas sociedades ocidentais. Todavia, faz-se necessário seguir as trilhas de pensamento deixadas por ele para então pensar e refletir sobre o contexto brasileiro, que, como visto, apresenta particularidades históricas e sociais, especialmente os resquícios da colonização e da escravização de povos africanos e seus descendentes na formação do Brasil histórico e contemporâneo.

Referências

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOLA, JJ. **Mett JJ**. 2024. Disponível em: <https://www.jjbola.com/about>

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

RAMOS, G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

RIBEIRO, A. A. M.; FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**, n. 10, p. 163-182, 2017.

SANTANA, I. Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social. **Afro-Ásia**, n. 23, p. 195-234, 1999.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

VARGAS, J. H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista Em Pauta**: teoria social e realidade contemporânea, n. 45, 2020.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: ASGF
Redação do manuscrito original: ASGF
Curadoria de dados: ASGF
Análise de dados: ASGF
Redação textual: ASGF
Supervisão: ASGF

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
